

	Colégio Estadual Dr. Eduardo Bahiana	
	Data: ____ / ____ / ____	Turma:
	Aluno:	
	Professor: <i>Manuel Antonio</i>	
	Disciplina: <i>Filosofia</i>	

Resumo da 8^a Lista de Exercícios – 2º Ano

Hobbes e Descartes

THOMAS HOBBES (1588-1679)

Thomas Hobbes é um dos filósofos contratualistas, exatamente por considerar que toda comunidade política é fundada em um pacto social (constituição ou instituição da cidade civil).

A ausência desse pacto faz com que os indivíduos estejam em um estado de natureza, na qual haveria a guerra (conflito) de todos contra todos.

Na concepção da filosofia hobbesiana, a legitimidade do poder do Estado parte do pressuposto de que os homens, no estado de natureza – sem um instrumento que regule as ações humanas – são iguais e totalmente livres, o que caracteriza uma situação social de guerra permanente de todos contra todos.

Assim, segundo Hobbes, para possibilitar a segurança e a manutenção da vida, os indivíduos renunciam à liberdade absoluta do estado natural em prol do Estado, que estabelece a estabilidade social ao garantir a paz e a segurança.

A legitimidade do poder do Estado, portanto, se baseia na existência desse contrato social, firmado entre os indivíduos de uma sociedade, em que a liberdade absoluta de todos é alienada à um Estado que concentra o poder de elaborar e impor leis sociais.

A legitimidade do poder que os novos pensadores políticos esperam encontrar na representatividade do poder e no consenso, existe em Hobbes, embora com propostas diferentes daquelas dos liberais.

Para Hobbes, a necessidade de uma autoridade (monarquia, mas não como as tradicionais baseado em direito divina do rei) absoluta encarnada em um soberano (pode ser um rei, um grupo de aristocratas ou uma assembleia democrática) decorria de uma total brutalidade do estado de natureza, no qual os homens eram como lobos.

O homem é “o lobo do homem” e movido por suas paixões e desejos não hesita em matar e destruir o outro, seu semelhante.

Desse modo, o estado de natureza, por ser intolerável, favorecia a racionalidade do ato de se submeter a um regime absolutista.

Hobbes analisa a natureza humana em uma perspectiva mecanicista: o homem é como uma máquina que age sozinha, na linha da concepção mecanicista de mundo típica da física da época.

Para Hobbes, nada era imaterial, de tal forma que desenvolveu uma concepção metafísica totalmente materialista.

Ele discordava da concepção de que o pensar fosse evidência de uma realidade separada e distinta do corpo, da existência de uma substância espiritual.

O materialismo (mecanicismo e, portanto, empirismo) hobbesiano caracterizou-se por um profundo determinismo, isto é, pela noção de que todos os fenômenos – materiais e psíquicos – estão interligados e determinados por relações profundas de causa e efeito.

Estado deve garantir que o que é meu me pertença exclusivamente, garantindo o sistema da propriedade individual.

É possível descobrir no pensamento hobbesiano alguns elementos que atendam os interesses burgueses.

A linguagem, dizia Hobbes, é uma convenção social. É por convenção que fazemos determinados sons e determinadas grafias – isto é, determinadas palavras – corresponderem a certas coisas e não a outras e, consequentemente, o significado linguístico e mental resulta dessa convenção social.

RENÉ DESCARTES (1596-1650)

Descartes é o principal filósofo racionalista. Assim sendo, para ele, o conhecimento é resultado de investigações do ser pensante, único capaz de chegar a conceitos verdadeiros.

Segundo a filosofia cartesiana, o processo de conhecimento só é possível a partir da aplicação do método da dúvida metódica, que implicaria um questionamento radical de toda ideia anteriormente existente.

A dúvida radical conduz o pensador à conclusão de que pensa, o cogito. Esta é, para Descartes, o conhecimento inabalável, princípio de todas as certezas.

Sendo assim, a ciência possui uma base racional fundante a qual todo homem pode ter acesso e, desse modo, todos podem participar.

No prefácio de sua obra Princípios de filosofia, ele explica que toda a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco é a física e os ramos que saem desse tronco constituem todas as outras ciências, que se reduzem a três principais: a medicina, a mecânica e a moral.

Ele concebeu uma metafísica de muita influência até nossos dias. Trata-se da concepção de mundo que separa radicalmente matéria e espírito, ou corpo e mente, conhecida como dualismo cartesiano.

Descartes concebia que Deus é um ser **transcendente**, isto é, encontra-se fora, separado de sua criação. Desse modo, no mundo em que vivemos existiriam apenas as duas substâncias finitas (*res cogitans* e *res extensa*), que seriam essencialmente distintas e separadas.

De acordo com uma visão cartesiana, a natureza deve ser compreendida pela razão, podendo servir às necessidades humanas.

Descartes concluiu, porém, que o pensamento (ou consciência) é algo mais certo que qualquer corpo, pois ele considerava a matéria “algo apenas conhecível, se é que o é, por dedução do que se sabe da mente.

Seu método contribuiu grandemente para uma visão reducionista da realidade.

Descartes afirma que “a ciência deve tornar-nos senhores da Natureza”. A ciência moderna nasce vinculada à idéia de intervir na Natureza, de conhecê-la para apropriar-se dela, para controlá-la e dominá-la.

Descartes mostra que nosso espírito possui três tipos de ideias que se diferenciam:

- Ideias adventícias (isto é, vindas de fora): são aquelas que se originam de nossas sensações e lembranças.
- Ideias fictícias: são aquelas que criamos em nossa fantasia e imaginação.
- Ideias inatas são inteiramente racionais e só podem existir porque já nascemos com elas

Descartes recorre à existência de Deus para garantir a correspondência entre o pensamento e o real no processo de conhecimento, retomando alguns pressupostos do realismo escolástico.

WEB. **Super Professor®Web**. Disponível em:<https://www.sprweb.com.br/mod_app/index.php> Acesso em 14/05/2020.

Marcondes, Danilo. Iniciação à história da filosofia . Zahar. Edição do Kindle

COTRIM e FERNANDES, Gilberto e Mirna. Fundamentos de filosofia . São Paulo: Saraiva, 2016.

ARANHA e MARTINS, M. L. de A. e M.H. P. Filosofando, Introdução à Filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1993

Chauí, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática. 1997. p. 115)

Ghiraldelli Jr., Paulo. A Aventura da Filosofia: de Parmênides a Nietzsche (p. 115). Edição do Kindle.

Russell, História da filosofia ocidental, v. 2, p. 88.